

Daubi Piccoli

Daubi Piccoli



Tchan... Tchan... Tchan... Tchan...

Tchan... Tchan... Tchan... Tchan...

Daubi Piccoli

Tchan... Tchan... Tchan... Tchan...

1ª edição

Erechim/RS

Este livro é dedicado a
Escritora e Professora
Vera Beatriz Sass, que
reacendeu em mim o
desejo de escrever

Agradecimentos:

*Ao escritor Paulo Dias Fernandes, que
me incentivou a publicar.*

*À minha mãe, crítica fiel, pela
paciência em me ouvir.*

Índice:

Tchan... Tchan... Tchan... Tchan...	11
Hans Karl	23
Maria e o escritor de contos	29
Mário Augusto e o sorvete	31
Nunca é aqui	36
Samuel	48

Criação e elaboração da Capa:
Victor Meirelles

Nas tardes da minha infância, lembro bem, lá pelas 17h meus ouvidos já estavam preparados. Esperando. Brincávamos ao redor daquela misteriosa casa. Ela mais parecia um castelo mal-assombrado e com o reboco todo caindo. Embora os muros altos não impedissem ninguém de entrar, a fama de mal-assombrada era o suficiente para afastar todos de qualquer tentativa, ainda mais garotos da minha idade. Isso era algo em torno de nove para dez anos. O ano era 1969 e o Beatles e a turma do Roberto Carlos agitavam as “jovens tardes de domingo”. Mas não era na TV não. Era nas vitrolas dos adolescentes classe média, que abriam bem as janelas, para mostrar seus modernos, para a época, aparelhos. Nós, agitávamos na beira do rio.

Marcelino Ramos é uma cidade amada por seus moradores e principalmente por quem lá nasceu. E os que a deixaram, o fizeram para conquistar novos espaços, não por não gostarem dela. De lá saíram nomes conhecidos, pessoas de grande influência hoje no cenário nacional e mundial. A maioria, filhos e netos de imigrantes europeus, que chegaram no início do século e partiram, mais tarde, junto com a ferrovia (cujas viagens se reduziram a “trens de carga”) e por causa da desindustrialização da cidade também, que como dizia meu avô, “era empurrada para o morro ou para o rio”.

O rio era nossa alegria. Nós o tínhamos por inteiro e por ele brigávamos. E era ali que ele nascia, o Uruguai, na junção do Peixe com o Pelotas. Meu avô morreu com esta convicção e não há livro de geografia que tire isso de qualquer um de nós marcelinenses, assim como ninguém nos convence de que os americanos irmãos Wright com sua “catapultazinha” chegaram aos céus antes de Santos Dumont e o seu 14 Bis em Paris.

A casa ficava no alto do morro, afastada da cidade. No entanto era possível avistá-la de vários pontos. Para se chegar pela frente era necessário costear o rio e nossas mães, muito zelosas, nos advertiam do perigo e nos lembravam das enchentes e dos muitos que caíram da ponte e morreram afogados. Enchentes nunca vimos, nem pela televisão, que lá era apenas o aparelho que dona Dinah tinha ganho da filha que morava em Porto Alegre. Todos a visitavam sem pretexto nenhum para conhecê-lo. Uma caixa toda verde, parecida com as quais a Xuxa iria anunciar, anos mais tarde, como novidade. Em Porto Alegre a TV Piratini era famosa por seu programas de auditório, onde, inclusive, surgiu Elis Regina. Ali assistíamos aos chuviscos. Era muito engraçado.

Às cinco horas da tarde, em ponto, lembro do detalhe

pois ganhei meu primeiro relógio nessa idade e tudo era motivo de olhar as horas, ouviam-se os primeiros acordes da 5ª Sinfonia saindo da casa e se espalhando pelos arredores. Não sabia que música era aquela. Somente com o passar do tempo fui conhecer. Mas gostava. Era executada até seu final e com uma perfeição que sentia poder reproduzi-la só de ouvido às vezes. Ao mesmo tempo era assustadora, intrigante.

O mato que rodeava os muros da casa era desses de beira de rio mesmo, com algumas árvores frutíferas. Derrubava-se uma aqui, outra ali, e vai se formando uma trilha e em alguns pontos clareiras. Esse mato próximo agredia o muro e as trepadeiras se misturavam por entre os galhos das árvores e os portões de ferro e sentíamos o perfume forte, tipo flor de laranjeira, que delas exalava. Observando-se a porta da frente, percebia-se que o reboco da pintura, cor púrpura, da parede junto à entrada caíra há muito tempo. A esquadilha da porta deveria ter sido branca e bonita, hoje era um branco descascado e tinha até aquela folhinha de reboco indecisa, que tremia com o vento e tínhamos vontade de descer lá e arrancá-la toda, até o final. Parecia mesmo que ela tinha vida e desejava voar, voar para longe dali.

A brisa morna de verão agitava os finos galhos da copa da árvore em que estávamos, junto ao muro, observando o interior do pátio. Não se dizia jardim naquela época. Até porque aquilo estava longe de ser um jardim em qualquer época e carecia de uma boa limpeza.

Fabiano, meu companheiro de aventuras, olhava para mim e sorria, com aquele olhar malicioso e tentador que ele possuía. O medroso era eu. Por ele já teríamos pulado o muro e entrado, pois parecia um bom lugar para se brincar. Pensei até que ele iria sozinho, se eu desistisse. Mas sabia também que ele precisava de sua sombra. Além do mais, quem

testemunharia a história depois.

Sem darmos pistas e evitando ares suspeitos fomos a campo descobrir quem morava lá, para termos certeza de não sermos surpreendidos e advertidos depois. Nossos pais e vizinhos nunca se deram conta de sua existência e não insistimos para não lembrá-los que andávamos pela beira do rio.

Apenas seu Walter, um alemão muito magro, alto e com abdômen avantajado, que fabricava licores no seu pequeno alambique, no pátio da casa (também não se dizia quintal), disse lembrar apenas que a casa fora construída na época da guerra. Ele gostava de dizer isso. Na época da guerra. Na época do Getúlio. Na época do Juscelino, e assim por diante. Só não gostava de lembrar do Jânio e nem do Brizola. Eram tempos difíceis para pessoas como ele, que tiveram seu idioma de origem proibido de ser falado “na época da guerra”. O filho não aprendeu a falar alemão até hoje, por causa do medo, transmitido por ele. A mãe do seu Walter, que só fala alemão, nem se entende com os netos e bisnetos. Na época da guerra, ficou, literalmente, muda, só se comunicava por sinais, de medo. Quando Getúlio foi deposto ela quase “soltou foquete”.

Seu Walter oferecia-nos o licor recém feito e com cheiro ainda forte, o qual sempre recusávamos, enquanto dizia nunca ter visto alguém entrar ou sair de lá e também nunca dera muita importância. Não sabia nem mesmo quem a tinha construído.

Nos mercadinhos e barzinhos que arroteavam o rio e mesmo perto da estação ferroviária ninguém se dera conta da existência da casa também, e seu Felipe, dono do armazém, até saiu para fora e olhou para cima. Um coqueiro balançava ao vento no alto do morro e parecia que a casa brincava de esconde-esconde com ele. Deu a impressão de a estar vendo pela primeira vez, pois levantou um pouco ou óculos, baixou novamente, empurrou-o para junto dos olhos, deslizando-o pelo

curto espaço do nariz, até ajustá-lo e voltou para dentro. Contornou o balcão do armarinho, tirou o boné que usava sempre para esconder a careca (também não se dizia calvície), coçou a cabeça, tirou o charuto babado, que ficava sempre dependurado no canto esquerdo da boca (seu Felipe era canhoto), deu uma tragada, tirou o lápis sextavado que tinha uma borracha vermelha presa por uma placa de metal na outra extremidade, da Fabber Castell, resmungou um “sei não” e começou a fazer contas num papel de almoço.

Sáímos tão desolados que nem lembramos de comprar as balas de azedinho, de todas as tardes. Vinham três por Cem Cruzeiros. Ele também não percebeu. Se nem seu Felipe, nos seus quase cinquenta anos, não sabia de nada, quem poderia nos responder, sentíamos cheiro de mistério no ar.

Fomos à casa de dona Gertrudes, a professora de piano. Quando não tinha alunos ficava ouvindo Edith Piaf no volume máximo e tomando champagne até ficar embriagada. Era *chic*. Se dizia descendente de franceses. Contava que fugira da guerra e viera para o Brasil com os pais, mas que estes morreram no navio. Pode ser que fosse verdade, pois poucos questionavam sobre seu passado misterioso. Mas sabíamos que ela “bebia para esquecer”. Era assim que nossos pais se referiam à ela.

Usava coque e vestido plissado, de comprimento logo abaixo do joelho, tipo o personagem da atriz Maggie Smith no filme Primavera de uma solteirona, e usava até o lenço amarrado no pescoço com o nó para o lado direito. Ela disse que nunca dera aulas de piano a ninguém daquela casa, mas uma vez, quando tomavam champagne a beira do rio, para comemorar o aniversário do ex-marido, que era um rapaz muito bonito e bem mais novo do que ela, e que fugira com a filha do vizinho logo depois, ela, bêbada, ouviu algo semelhante. Ele, insensível como sempre, nem se dera por conta, pois só pensava em sexo.

Mas foi a única vez. E isso já faziam mais de vinte anos. Se emocionava quando falava do marido, o qual, apesar dos anos passados, nunca deixara de amar. As lágrimas brotavam e o rímel muito preto escorria dos cílios postíços, carregados, junto com elas, borrando a pesada maquiagem do rosto, que usava para esconder as rugas e as dobrinhas.

Secou o rosto com um pequeno lenço de papel perfumado, em pequenas apalpadelas, e disse que aquele ou aquela que tocava piano não precisava de suas aulas, de qualquer maneira, pois devia ser um gênio. Fez menção para que saíssemos, de uma forma polida. Fomos, um pouco tristes, embora sem compreendermos, na época, o motivo que levava “gente grande” a chorar tanto quando estavam emocionados desta forma. Mas, nosso alvo era outro.

O barqueiro, que fazia a travessia da balsa, seu Jorge, levantou a aba do chapéu de palha, que usava para se proteger do sol quente, olhou para cima e disse que deixássemos de bobagens e fôssemos para casa, ou brincar longe do rio, pois sabia que nossas mães não queriam que ficássemos por lá. Nos fez perder uma longa caminhada até sua barca.

Seu Jorge conheceu sua esposa num dia em que foi pescar perto da casa. Ela era uma bela morena, de cabelos compridos e lábios carnudos. Viera de Passo Fundo com o pai, que era fiscal. Foi amor a primeira vista e viviam felizes ainda, mesmo depois de tantos anos de casamento.

- Vão, vão, vão, disse, nos abanando com o chapéu e ligando o motor da barca para atravessar um FNM que parara junto a balsa. Antes porém, olhou para o morro e sorriu.

Diante dessa expressão, Fabiano se coçava de vontade. Seus olhos muito azuis, da cor do céu em dia radiante e mormacento, fitavam os meus com ares provocadores. Senti que agora não poderia mais fugir daquela aventura. Antes porém

faríamos mais uma tentativa para garantir.

Dona Amélia, a costureira solteirona, que morava com a mãe, uma senhora gorda de cabelos brancos, disse, de imediato, para ficarmos longe da casa, pois haviam forças estranhas que a habitavam. Rimos. Ela disse para não caçoarmos disso e apertou o cinto largo, com fivela grande, de metal, que separava seu vestido verde claro, inteiro, e em estilo tubinho mini-saia. Era moderninha. Insistimos em saber se morava alguém na casa ainda. Ela alisou a ponta do nariz, onde havia uma pequena verruga preta e de onde saía um pequeno fio de cabelo e disse que, de mocinha, passara, certa vez, perto da casa, quando seu primeiro e único namorado, que morrera afogado no rio, a levava para passear de bote. Logo teve calafrios e não quis ficar mais nem um minuto lá perto. Insistiu com ele que fossem embora. Ele riu, mas a levou. Ela o prevenira para não rir “dessas coisas”. Desde então se despertou nela esses poderes mediúnicos que ela exerce, ajudando os irmãozinhos desencarnados, nas sessões, no centro espírita da dona Lurdes, às quartas e sextas. Disse que nunca mais voltou lá perto e nem queria voltar. Tirou os óculos de lentes muito grossas, desses que se diz fundo de garrafa, limpou-as e os recolocou de volta. Observei todo seu movimento e foi a primeira vez que realmente entendi o que os meninos queriam dizer com “quatro olhos”. Ela ficou fitando o infinito. Eu já estava com medo. Fabiano não. Cada vez mais entusiasmado.

Quem, afinal morava na casa, que às 17h, em ponto, executava ao piano ou ouvia na vitrola a 5ª Sinfonia? Pensamos que não poderia ser vitrola. Vitrola faria barulho diferente, ruídos. No entanto ninguém queria saber de dar respostas. Faziam de conta que não ouviam a música que se propagava do alto. Estariam hipnotizados? Fabiano comentou inclusive que um mágico fez ele *co-co-ri-cocar* como uma galinha certa

vez em que se deixou hipnotizar e os meninos riram dele uma semana a fio. Será que toda cidade estaria hipnotizada? Vimos isso num filme, uma vez, no cinema do Russo. Eram os ETs dominando a terra. Tentamos contar com a curiosidade dos meninos mais velhos, mas eles só queriam saber que lá era bom à noite, para levar as garotas que se deixavam namorar, junto aos muros altos. Diziam que o vento fazia um barulho estranho quando soprava, balançando as árvores, mas era bom, pois assim as moças se “entregavam” mais fácil, pois sentiam mais medo e os agarravam mais forte.

Comecei a tentar demover Fabiano da idéia, mas ele nem ouvia mais o que eu falava e começou caminhar em direção ao rio. Segui-o. Perguntei o que estava fazendo. Ele não respondia. Seus olhos estavam fixos. Me assustei. De verdade.

- Fabiano, Fabiano, eu gritava. Ele não respondia. Gritei mais alto. Mas ele continuou seguindo em frente sem olhar para mim. Atravessamos assim o mato e rumamos pelas trilhas até chegarmos a casa. Escurecia, mas não era ainda noite. Nuvens de chuva de verão se formavam para a costureira pancada de fim de tarde. Fabiano subiu, determinado, pela nossa árvore junto ao muro, desceu, pela outra, no lado de dentro, sem vacilar. Continuei a segui-lo instintivamente. Já não gritava mais seu nome, pois agora tinha medo de sermos descobertos. Ele caminhou firme para a porta da varanda (dizia-se área) e sem medo entrou. Tentei puxá-lo pela roupa mas foi em vão.

- Fabiano, Fabiano, dizia baixinho, quase sussurrando. Volte! Volte! Vamos embora! Tô com medo. Nisso começou o som do piano no andar de cima. Era a 5ª Sinfonia novamente. Olhei para o relógio. Cinco horas e um minuto. Instintivamente mexi nos ponteiros e atrasei um minuto. Fabiano, sem medo, subia as escadas. Eram de madeira velha, mas bem conservadas, pois não rangiam. De repente comecei a perceber que toda

decoração ao redor era bem cuidada, apesar da decrepitude do exterior e do pouco ou quase nada que entedia do assunto naquela idade. Olhando ao redor me chamou atenção um grande jarro de metal dentro de uma bacia, também de metal, em cima de uma pequena mesa de canto, de pernas bem torneadas, provavelmente esculpidas à mão e envernizadas, e entre eles um guardanapo de crochê creme. Sei porque minha avó e minha mãe faziam muitos deles.

Encantado com os móveis, não me dei conta de que perdera Fabiano de vista. Subi também as escadas, mas com mais cautela. O tempo lá fora fechou. Um temporal se armava. Parei em frente a uma porta que dava para uma enorme sala. Era de lá que vinha a música. A porta, entreaberta, me deixou ver apenas a cauda do piano. Lá fora, o temporal continuava a fazer barulho e a meter medo. No primeiro trovão que ouvi saí correndo que parecia um raio, escada abaixo, assustadíssimo. Antes de passar pela porta ainda pude visualizar, projetadas na parede, pela luz do clarão que atravessou a janela, as sombras de duas pessoas. Só pude perceber que uma delas era de Fabiano, pois identifiquei seu nariz aquilino, que tanto me causava inveja. A outra, se vi, apagou-se de minha lembrança. Pelo enorme susto, com certeza. Às vezes sonho que eram grandes braços, como garras, que envolviam Fabiano. Lá fora já chovia e eu só pensava em correr. Fugir dali. Escalei a árvore, sem saber como, de tão rápido. Devo ter me arranhado todo. Pulei para a outra, do outro lado do murro, desci e corri o mais que pude em direção da cidade.

No centro o céu estava limpo e o calçamento seco. Só me dei conta disso quando entrei em casa encharcado e minha mãe ralhou comigo porque pensou que tivesse ido nadar no rio, e eu sabia que ela morria de medo do perigo que o rio representava e era por isso que não nos deixava. Abri a boca

para contar o que tinha acontecido, mas nada saía. Nem uma palavra, nem um som. Tomado pelo medo, logo caí em febre, que durou uma semana.

Na semana seguinte nos mudamos para Erechim, pois meus pais já planejam isso há dias e nunca mais soube de Fabiano ou o que acontecera a ele. Amedrontado, nunca contei nada para ninguém, nem perguntei nada e não questionei se os pais dele o haviam achado, sei lá. Com o passar do tempo, fui esquecendo e supondo que ele também correria de lá e com os anos também me esquecera. Hoje, imagino que deva ser um homem como qualquer outro. Bem sucedido, casado, com filhos, feliz, ou não.

Às vezes vejo Fabiano nos rostos de outros meninos loiros de cabelos esvoaçantes, de olhos muito azuis, que encontro pelo caminho no dia-a-dia. Seu rosto foi se mesclando a todos esses. Já não há mais um só Fabiano em minha mente. Nunca trocamos fotos e se as tivesse, talvez na adolescência as teria rasgado, por vergonha. Lembro que uma vez ele cortou o cabelo tipo escovinha, obrigado pelo avô. Ficou tão brabo com isso que depois ninguém mais fazia ele cortar tão curto. Usava tipo chanelzinho e as meninas diziam que ele era o Ronnie Von loiro.

Algum meses antes da publicação deste livro, a professora da disciplina de Expressão Artística do Curso de Letras/Inglês, que concluí, na universidade, no ano passado comentou que seria importante que eu publicasse um conto, pois ela gostara dos que eu havia produzido durante o curso e me aconselhava a produzir mais. Lembrei então do fato, acontecido na minha infância e pensei que daria uma boa estória. Resolvi voltar a Marcelino Ramos para rever a tal casa e depois escrever com mais fidelidade sobre o assunto, se é que ela ainda existia. Fui até lá e constatei que sim. Ainda estava lá. No alto

do morro. Igual, igual. Caminhei em sua direção e fui me aproximando aos poucos. Cheguei mais perto e percebi que havia menos mato ao redor, menos árvores frutíferas, que provavelmente a prefeitura havia retirado para dar lugar aos poucos novos vizinhos, mas a casa continuava igual. Pensei em bater em algumas portas e perguntar se alguém sabia quem morava lá, mas lembrei que isso não tinha dado nenhum resultado na época e, provavelmente, não daria muito também agora. Além do mais, já era adulto, precisa agir como tal, ir em frente, bater à porta.

Cheguei perto do portão e percebi que ele não parecia mais tão alto agora, nem tão assustador. Nem os muros tampouco. Abri e, de repente, lembrei que nunca sequer tentamos abrir o portão da entrada principal. Não lembro o motivo. Soltou-se facilmente, fazendo aquele barulho característico de ferro meio enferrujado se desprendendo. Entrei, caminhando por entre os arbustos. O caminho também não era mais tão longo até a porta da frente da casa, como na minha infância. Bati. Enquanto esperava por alguma resposta, observei que o reboco estava igual. Quer dizer, não havia sido reformado nada, mas também não caíra mais nada desde aquela época. Estranho isso! Nem a folhinha do reboco se soltara por completo, ainda. Levei a mão para puxá-la. Nisso fui interrompido pela barulho da porta se abrindo. Ela foi aberta por um menino loiro de olhos muito azuis e brilhantes. Devia ter uns onze anos. Ele me olhou e sorriu. Era a caricatura estampada do que eu ainda podia lembrar e compor em minha mente do rosto de Fabiano. Ah esse Fabiano, pensei. Comprou a casa, casou, teve filhos e um deles estava ali na minha frente. Uma réplica do pai. Arrisquei:

- Seu pai está? Perguntei e imaginei ele se questionando quem seria esse estranho a sua frente perguntando pelo seu

pai. De minha parte, nem poderia saber se aquele menino ainda tinha pai. Enquanto esperava pela resposta, percebi que a porta da frente dava para o segundo andar, pois a casa era no morro e em desnível, claro. Como não havia percebido antes, e dava para aquela sala enorme, que ainda era, enorme. E vi no lado esquerdo até a pequena porta que deveria ser aquela de onde saí correndo, escada abaixo, naquela noite. Ao fundo, vi o que deveria ser aquele mesmo piano de cauda. Sentado a sua frente um outro menino, de seus doze ou treze anos. Um pouco mais alto do que este na porta, com os cabelos castanhos empapados em gel e pele muito clara, de quem nunca toma sol. Vestia uma casaca, dessas de concertista mesmo, com gravata borboleta e tudo. Olhou para mim, enclinando levemente a cabeça em forma de reverência, sorriu, cumprimentando-me em tom de aprovação e se virou para o piano.

A cópia fiel do meu amigo de infância, à minha frente, sorriu como quem não entendesse a minha pergunta e disse:

- Oi Daubi, entra. Porque você demorou tanto tempo para voltar? Estávamos te esperando.

Meu novo relógio *bipou*. Marcava cinco horas em ponto. E o menino lá dentro começou a dedilhar o piano:

Tchan... Tchan... Tchan... Tchan...

Tchan... Tchan... Tchan... Tchan...

Hans Karl

Hans Karl tirou sua própria vida numa manhã nevoenta no começo do rigoroso inverno alemão. Sempre quis que fosse assim. Planejou tanto, até que o momento chegou. E não foi por desespero, nem por amor de paixão ou auto piedade não. Decidiu, simplesmente, que queria ser o que se dizia um morto moço e bonito. Queria ser eternizado. Não que isso fosse moda na época, mas enfim, decidiu e pronto. Era coisa de poeta romântico. E Hans Karl era, definitivamente, um poeta, quanto a romântico tenho lá minhas dúvidas.

Assim, imaginem só que artifício Hans Karl usou para que depois de morto seu corpo parecesse jovem, bonito e “saudável”? Tomou veneno. Isso mesmo! Horrível, não?! Saiu aquela inevitável espuma da boca, mas ele sabia que limpariam e, ainda assim, ficaria bonito, um morto bonito.

Pobre Hans Karl. Como se enganou. Inchou tanto que parecia um desses homens que incham de tanto beber e, além de inchar, ficou roxo e com as veias aparecendo, da testa até o pescoço. Quando viu seu próprio rosto, quis morrer. Epa! Já estava morto. E feio? Sim. Que tolice achar que um morto pudesse ser bonito. E agora que cometera a loucura observava a todos seus amigos e familiares, chorando ao seu redor.

Tentou acalmar sua tia, mas ela não lhe ouvia. Tinha nas mãos o bilhete que ele escreveu, cheio de poesia e colocações lindas e glamourosas sobre a morte, como as de grandes e famosos poetas. Hans Karl era poeta. Bem, poderia ter sido. Era na verdade um menino bobo, que cresceu, virou adolescente, depois quase homem e quis se manter no Olímpo, como um deus grego. Não sabia que ninguém glamouriza um moço desconhecido que se mata. Apenas choram no momento e depois o esquecem. O tempo se encarrega de tudo, afinal.

Os “ídolos”, morrem em acidentes ou em guerras. Um outro tipo de suicídio, e são considerados heróis. Hans Karl não, era só mais um suicida bobo e desconhecido.

Os amigos choravam quietos, com pesar e vergonha. Nem das poucas bravatas podiam comentar. As moças choravam compulsivamente. Aquele choro baixinho, em coro, de pseudo-viúvas.

Então Hans Karl, vendo tudo aquilo, decidiu que não gostava mais daquela idéia de morte em plena mocidade. Na verdade, achou melhor não morrer mais. Lembrou de acordar. Sim, afinal, que tolice, era seu subconsciente lhe pregando uma peça. Era um sonho. Só poderia ser. Presenciava aquela cena ridícula de alguém que se mata e deixa pessoas que o amam a chorar por ele. Se ainda tivesse pensado em simular a queda de uma montanha, mas não, veneno, ora que idiotice, tomar veneno.

Quando parou de divagar e se deu conta de que não era um pesadelo, pois o pesadelo real apenas começava, chorou. Abraçava os amigos e chorava. Sua tia chorava junto. Abraçou-a e chorou também. Chorava a própria morte. Sentiu falta do irmão caçula. Onde estaria ele? Tão pequeno e frágil. Não devem ter lhe contado ainda, pensou. Enquanto isso, começavam a fechar o caixão. Ele nem se importou quando colocaram a tampa. Não queria mesmo ficar olhando para aquele corpo horroroso e sem vida, e que deveria ter sido lindo e cheio de “frescor mortal”.

A caminhada até o cemitério foi longa. Viu quando elevaram seu caixão, quer dizer, aquele caixão (já o tratava como se fosse de outro), para dentro da gaveta. Tamparam. Que alívio! Não veria mais aquele corpo feio, que ficou tão feio. Imaginou que logo se elevaria e então faria parte de outra dimensão. Era assim que diziam os livros que tinha lido.

Lembrou que tinha sido sempre um bom rapaz. Viriam lhe buscar e o levariam para um bom lugar. Eles deveriam vestir branco, como dizia nos livros, e não andavam, flutuavam. Ele, logo iria flutuar também. Pelo menos uma sensação boa, pensou.

De repente, se deu conta da sua nova realidade e gritou. Um grito sufocado de horror, para dentro, como que socado por um pilão, garganta abaixo.

Sentiu um gosto amargo, como se todas as doses de bálsamos amargos que ele tomara na infância tivessem entrado pela boca e passado por sua garganta, esôfago abaixo, atingindo o estômago na forma de um soco, tão forte e tão intenso, que ele não teve nem tempo de raciocinar. Ele se matara. Viriam “os de preto” buscá-lo. Sim, e o levariam para um lugar feio e escuro. Ele havia visto essa cena num livro do avô, que lidava com “essas coisas”. Que triste destino havia traçado para si próprio. Agora não poderia mais recuar, voltar atrás. Precisava se conformar. Mas eles demoravam. Quando viriam? Queria que terminasse logo aquele tormento. Implorava até. Estava quase começando a acreditar em Deus. Os poetas não acreditam em Deus, eles o inventam, pensou e se conformou.

Observou que as pessoas que vieram para o enterro estavam começando a ir embora. Supôs que também iria, já que não vieram buscá-lo. Mas o chão estava escorregadio e seus pés repetiam os passos já dados. As pessoas já iam longe e ele não saía do lugar. Faria o que ali? Nada. Não havia nada para fazer, a não ser esperar, por uma eternidade talvez, que viessem buscá-lo. Seria isso o que chamavam de inferno, ou era o que diziam purgatório? Ele não acreditava nisso e, no entanto, agora lhe parecia tão real, tão presente.

Sentou-se sobre a laje fria do túmulo a frente e percebeu que o frio vinha de sua imaginação, mas a sensação de sentar era igual. Ele sentia, percebia. Sinal de que lhe restaram os

sentidos ou, pelo menos, a percepção da existência deles. Com o passar do tempo foi se conformando.

A noite caiu e tudo ficou escuro. Hans Karl começou a ficar com medo, muito medo. Logo os “fantasmas” saíram das suas covas e viriam lhe assombrar. Mas que bobagem, ele não acreditava nisso e, de mais a mais, ele também era um fantasma agora. Seria seu futuro assombrar casarões antigos, arrastar correntes, se interrogou e sorriu, um sorriso nervoso, como se tudo não passasse de uma brincadeira. Mas ninguém apareceu. Nenhum fantasma, nem uma alma penada, como diziam quando era vivo. Como ele próprio contava em suas piadas. Ah, as piadas de cemitério. Ninguém as contava melhor do que ele. Fazia a família toda rir.

Lembrou dos momentos alegres e uma lágrima rolou de seus olhos. Será que ele ainda tinha olhos, bom, pelo menos sentiu a lágrima rolar. Gostaria de se olhar num espelho. Imaginava se poderia ver seu reflexo. Queria se olhar no espelho, para saber se seu espírito, alma ou seja como se chamava seu atual estado, tinha alguma aparência e se era, pelo menos, uma aparência bonita. Adormeceu assim, divagando e lembrando de sua vida passada.

Sonhou que seu irmão caçula vinha depositar pequenas flores no alpendre de sua gaveta. Estava abatido. Percebeu que ele estava mais velho. Mas por que tão velho?! Junto veio sua esposa e a filha mais velha, que parecia ter uns vinte anos. Seu irmão tinha apenas dez anos ontem, lembrou, quando ele foi enterrado. Como poderia ter esposa e filhos? Será que foi mesmo ontem? Já não sabia mais. O que estava acontecendo, se perguntava o tempo todo.

Foi então que Hans Karl sentiu uma enorme força, vinda de sua sobrinha. Ela parecia se iluminar. E esta força lhe puxava para junto dela. Eles estavam indo embora do cemitério e ele

estava saindo junto. Mas, então não era sonho. Nem sabia se poderia sonhar. Será que os mortos sonham, refletiu. Mas, se era sonho ou não, ele não queria mais saber, estava indo com eles e isso era o que lhe importava. Finalmente, iria para junto das pessoas que amava e de quem sentia saudades, sua família. Pensou então que, afinal, não pagaria tanto pela sua loucura. Pensou também na tia. Será que ela ainda vivia?!

Na casa do irmão só se falava da gravidez de sua sobrinha. Ele não entendia nada. Não via nem ouvia direito. Era como se soubesse de tudo de uma forma telepática. Tudo parecia vir de tão longe e ao mesmo tempo era tão presente. Só sabia que não conseguia mais sair de perto dela. Sentia o calor do corpo dela. Era tão bom. Seus pés pareciam estar entrando pela barriga dela, sendo sugados. Era tão estranho. Algo lhe dizia que ele iria nascer de novo. Será?! Seria possível, ele questionava.

Então era isso mesmo, começava a compreender, ele iria realmente nascer de novo. Seria filho de sua sobrinha e tudo voltaria a ser como era antes. Ele teria uma família, faria parte de uma novamente. Isto sim era felicidade.

De repente, começou a ficar escuro, como luzes em um teatro, diminuindo, diminuindo, lentamente. Ele não sentira essa sensação antes. Era nova. O que seria, estavam se apagando seus pensamentos?! Estavam?!

Quando abriu os olhos se percebeu em um corpo de verdade novamente, de carne e osso, e que respondia a seus poucos movimentos. Notou que esse bebê chorava muito. Era estranho, pois não era ele quem chorava, era essa criança. E era engraçado até, porque ele não controlava mais nada. Estava lá, naquele corpo, mas pressentia como se logo não fosse mais lembrar de seu passado. Pois muito já estava se apagando de sua memória.

As pessoas falavam mas ele não entendia quase nada. Era sua língua natal, sabia disso, mas não compreendia direito ainda qual era ou o que as pessoas diziam ao seu redor. Antes de sumir por completo sua memória, pode ainda ouvir alguém dizer que ter chegado com a primavera lhe traria sorte e essa pessoa o chamou pelo que deveria ser novo nome, Adolf.

Maria e o escritor de contos

Sentada num banco de praça, localizado no meio de um canteiro que divide as duas vias de uma rua, Maria, bêbada e maltrapilha (e desculpem a relação, pois não são complementos necessários um do outro), pensava em pedir algum dinheiro para beber um pouco mais. A bebida ajudava Maria a esquecer sua vida de mendiga e mulher usada, às vezes, por homens, também bêbados, que dela só queriam a imediata satisfação sexual.

Ao virar o rosto para o lado esquerdo para chamar atenção de um transeunte para pedir mais “um troquinho”, Maria avistou aquele homem moreno, bem vestido, de terno escuro, cabelos muito curtos, bem barbeado e usando óculos de sol, saindo pela porta do prédio em frente. Um arrepio lhe percorreu o corpo todo, mas ela, não sabia ao certo que sensação era aquela, pois não lembra de a ter sentido antes. E mesmo vendo apenas a cena do ambiente em volta e a imagem de si própria, sentada naquele banco e naquele estado indesejável, refletida nos óculos dele, por alguns instantes, por uma fração de segundos mesmo, Maria pode jurar que ele fixara seus olhos nos dela. E isso, esse momento, por si só, se constituía em felicidade para ela, mesmo não tendo a menor noção do que estava acontecendo, quanto mais capacidade de compreensão e explicação. Ele virou o rosto devagar, fechou calmamente a porta e caminhou pela calçada, junto aos prédios, desaparecendo entre os pedestres, sem olhar para trás.

Maria, pensou em sua desgraça e maldisse a vida. Sorriu com o canto dos lábios, como uma cigana que tivesse dito a sorte a um transeunte que dela tivesse desdenhado. Outro homem passou e ela estendeu a mão, instintivamente. Ele negou, mas ela já não se importava mais.

O que Maria nunca ficou sabendo é que aquele homem era um escritor de contos e que a tinha observado. Sentira aquela sensação estranha e mesmo com toda sua erudição também não sabia como a definir. Naquela mesma noite ao chegar em casa e sentar-se à frente do computador para dar início ao costumeiro processo de criação, lembrou da mendiga e supôs que ela o admirara e o desejara naquela tarde, quando saía do local onde trabalhava. Pode sentir isso por detrás daquele retrato de pobreza e daqueles olhos tristes, porém de admiração, de uma mulher que como qualquer outra, provavelmente o que mais desejava na vida era ser amada, ser tocada com carinho e receber atenção. Ele era um escritor, sensível como um poeta. Pôs-se então a escrever sobre ela, tentando imaginar o que teria passado em sua cabeça naquele exato instante em que seus olhares se cruzaram e divagou sobre o abismo social que separava seus dois mundos solitários.

Mário Augusto e o sorvete

Mário Augusto vivia tranqüilo em sua cidade natal, com a esposa e os filhos. Ela sempre na lida caseira e os filhos sempre as voltas com as “estripulias” que faziam na escola e, volta e meia ele era chamado para ouvir alguma reclamação da diretora. Tudo normal. Tudo normal.

O trabalho na repartição pública e o bar, onde encontrava os amigos para o *drink* antes do almoço e antes do jantar, eram seus únicos pontos de parada antes de ir para o “aconchego do lar”. Uma vida muito pacata, vivida em cidade de interior.

Esta calma toda, no entanto, se quebrou no dia em que ele, Mário Augusto, resolveu trocar o bar pela sorveteria, onde entrou, sob os olhares curiosos dos clientes habituais, que nunca o viram por ali, dirigiu-se ao *buffet*, pegou uma casquinha e colocou três bolas de sorvete em cima. Por pouco não desandou toda aquela armação. Mas socou bem e equilibrando aquela montanha gelada, de gulodice, dirigiu-se ao caixa, pagou, saiu, escolheu uma mesa e se sentou à frente da sorveteria.

Quando o encontrei, parecia uma criança se lambuzando na lama recém formada em dia de chuva. Passei por ele, cumprimentei-o e sorri. Espero que ele não tenha percebido que o sorriso foi malicioso e com um misto de inveja. Não parei, pois tinha pressa, e, afinal, nem éramos tão amigos assim, na época. Eu costumava freqüentar a repartição onde ele trabalhava e, assim, nos tornamos conhecidos.

O que deu nele para se dar ao luxo de sentar-se à frente de uma sorveteria e desfrutar daquele “pecado” gelado, pensei, e ele o fazia em lambidas gulosas, verdadeiros ataques kamikazes, como uma águia que mergulha em busca de sua presa. Devia ter pirado, imaginei. Logo aqui!

No dia seguinte soube que outros amigos e conhecidos, que passaram depois de mim, o viram também. Imagino que não tenha sido um sorvete só e, logo, veio a confirmação: foram vários. Soube também que sua mulher já estava até cogitando a hipótese de pedir o divórcio, assustada pela loucura do marido. Não diga, diziam os vizinhos, o Mário Augusto, vejam só, naquela idade.

Quando uma pessoa me parou na rua, um recém chegado à cidade, que estava trabalhando com vendas na região, me perguntando quem era esse tal de Mário Augusto, senti que a coisa começava a tomar ares de séria. Mas o pior não foi isso. Foi que quando todos já estavam quase esquecendo de tudo e a mulher já o perdoara e nem mais pensava em divórcio, desde que, é claro, ele cumprisse a promessa de não repetir aquilo novamente, ele, inacreditavelmente o fez.

Devido ao episódio e a minha “mania” de defender os injustiçados e as vítimas de casos de demonstração explícita de qualquer tipo de preconceito ficamos amigos e mais próximos. Por isso sei que, segundo ele conta, não se lembra de ter prometido nada. Para falar a verdade, quando me ligou de São Paulo, logo depois de ter sido quase expulso da cidade, disse que nem ouvira o que ela disse na ocasião, pois com toda a confusão que algumas pessoas armaram e com grande parte delas lhe dizendo coisas horríveis, já não memorizava mais nada.

O caso é que ele, no meio de tudo isso, sentou-se novamente em frente à sorveteria e deliciou-se com outro sorvete. Este ainda maior, quatro bolas, e ele saboreava como podia. Se lambia todo e o sorvete que não conseguia colocar na boca, com as arremessadas de língua contra aquele monte colorido de mil sabores, escorria por sobre seus dedos, e ele, aí, é claro, tinha de lambê-los. Dizem, não estava lá para ver, que juntou até gente para ver.

Quem o quase o expulsou da cidade não se sabe. Ele mesmo não se lembra direito o que se sucedeu e nem como foi que tomou o ônibus. Sabe-se que a mulher teve de ser internada, e dizem que chora até hoje, sem parar, não pela loucura do marido, que sempre foi trabalhador e correto, mas pela vergonha que passou. Hoje, ainda não sai de casa, com medo das gozações dos vizinhos. Sim, porque no início queriam até bater nele, depois, como fazem com tudo, dão risada, e até lhe deram um apelido: “chupador de sorvete”.

A filha mais nova, que agora faz faculdade na capital, nem vem mais para casa. O filho mais velho faz de conta que nada aconteceu e diz para todo mundo que o pai morreu. Só o do meio, que sempre foi amigão do pai, deu-lhe a maior força, e gritava contra todos que nunca tiveram a coragem que o pai teve de largar de tanto trabalhar e desfrutar de um sorvete de quatro bolas. Ficou tão brabo que até repetiu o ato do pai, na mesma hora, e em frente de todo mundo, com cinco bolas, mas “bola” foi o que ninguém deu para ele. Afinal era um adolescente e estava na idade de fazer “loucuras”, diziam. O que nunca se esperava, era uma atitude dessas de um homem de meia idade, quase na idade de ser avô inclusive. Pelo menos era o pensamento geral da comunidade naquela época e naquele momento.

Hoje, Mário Augusto fica feliz quando o filho o visita em São Paulo. Também é o único que o faz, abaixo de muita reprovação por parte da mãe e do resto da família. Mas ela até que nem briga tanto com ele, afinal, ela pensa, e diz, que ele sempre terá “tempo” de “se recuperar”.

Quando Mário Augusto me ligou do Rio, não acreditei. Disse que ele e o filho tinham ido conhecer as praias que ele sempre sonhara e nunca tivera coragem. Até nas boates ele foi com o filho. Contou que tinha gente com argolas no nariz, de

barriga de fora para mostrar as argolas no umbigo e tal.

Disse que viu um *cara* de cabelo todo verde e bem curtinho e cheio de argolas nas orelhas. Me contava tudo com tanta naturalidade que até pensei em brincar, sugerindo que colocasse uma argola também, mas logo desisti da idéia, pois até seria bem capaz disso mesmo. No entanto, nem precisou, pois quando fui encontrá-lo em Florianópolis, nas férias de verão, já era outro Mário Augusto: *piercings* por todo lado, cabelos compridos amarrados com rabicó, roupas *hyper fashion* e estava com uma pele saudável, bronzeadíssima, que até fiquei com inveja de ver, confesso.

Saímos à noite. Sugeri um barzinho, mas como ele não bebe mais, e o filho também não, pois não criou o hábito, já que o pai não bebe, fomos à uma boate. Eles adoram dançar. Lá, em meio a música altíssima, perguntei se não tinha vontade de voltar para sua vida normal. Ele me olhou com uma cara tão estranha que quem se sentiu “anormal” fui eu. O filho logo veio, com algumas amigas, com as quais haviam combinado de se encontrarem ali, e carregou com ele para o meio da pista. Lá, eles dançaram e se divertiram a noite inteira. Tomando muita água mineral, vejam só. Pelo menos foi o que me contaram no dia seguinte, pois eu estava um pouco cansado e resolvi voltar para casa mais cedo.

Semana passada, depois de quase oito anos que saíra da cidade, resolveu aparecer, de volta. Ficou na minha casa, pois ninguém o receberia, ainda. Pelo menos era o que ele pensava. Percebeu e comentou que a cidade mudara. Olhava-a como se fizessem décadas que havia partido. Disse que iria dar uma volta mais tarde, passear um pouco para ver se reconhecia alguns antigos conhecidos, pois amigos mesmo ele nunca os teve. Fui o único a ficar ao seu lado na ocasião, e só eu sei o quanto me custou, pois é difícil defender pontos de

vista, e uma pessoa com opinião própria não é bem vista em cidadezinhas do interior. Felizmente, para ambos, nossa nova amizade compensou o dissabor de me indispor com pessoas ignorantes e preconceituosas.

Saí de casa antes e o deixei vendo TV. Na volta, quando estava me aproximando da sorveteria, aquela mesma, lá estava Mário Augusto, sentado, junto a mesma mesa de antes. Logo que me viu sorriu e acenou para que eu me aproximasse. Percorreu-me um frio pela espinha. Lembrei do fato, na ocasião. Hoje ele usa os cabelos mais curtos, mas descoloridos. Estava lá, camiseta regata e bermuda, saboreando um sorvete de cinco bolas. Quase tive um ataque. Olhei ao redor. Não havia ninguém olhando, e isso que a sorveteria estava cheia. Quando me aproximei, ele me disse, antes mesmo de eu abrir minha boca:

- Olha só Daubi, ou a cidade mudou muito ou todos pensam que sou de fora, pois hoje ninguém me deu bola, e continuou saboreando seu sorvete, com uma cara de criança feliz que, finalmente, havia se livrado dos preconceitos e das amarras de suas raízes e estava em paz consigo mesmo, em sua própria terra.

Nunca é aqui!

Eram quase 22h30min quando toquei a campainha da casa de minha amiga Suyan (ela ganhou o nome por causa do personagem do filme *Suplício de Uma Saudade* com William Holden e Jennifer Jones). Lá de dentro pediu quem era e eu disse que queria uma informação. Ouvei ela rindo ao abrir a porta e dissemos juntos: “nunca é aqui”. Essa brincadeira é por ela comentar que sempre que alguém bate à sua porta ou toca a campainha é para pedir informações e não para “visitar”. Como se o *Mr. Right* (Príncipe Encantado) um dia fosse bater a porta, e convidá-la para morar em seu lindo castelo.

Mal sabe ela a surpresa que preparei ao colocar no seu caminho um homem alto, loiro de olhos azuis da cor do céu, que vai conquistá-la a ferro e fogo se for preciso, já que o gosto dela pelo sexo oposto nem de perto tem essas características que coloquei no meu personagem. Mas, ela é tão minha personagem como ele. E se ainda nem sei ao certo quem é ele ou que surpresas reserva a mim e à minha amiga, ela, por outro lado, me é muito próxima. De mais a mais o que não é dela e eu quero que seja, ela vai tomar emprestado. Pois para criar e conduzir está história preciso que ela me ajude com seu existir. Palavras em sua boca e pensamentos em sua mente são por minha conta. Embora esteja parecendo um pouco confuso, a princípio, a medida que vamos desenrolando, juntos, este novelo, verão que se trata de uma boa história para se contar.

Ela começa num domingo, pela manhã, mais precisamente às 9h30min, quando um estranho vai tirar o sossego de nossa personagem para pedir uma informação. Por enquanto só sei que o nome dele é Pedro e que baterá em sua porta a procura de um escritório que nunca existiu naquele endereço e que deveria funcionar inclusive aos domingos e feriados.

Toc, toc, toc, toc

Toc, toc, toc, toc (chato essa onomatopéia, não é?).

Depois de algum tempo, ela vem abrir a porta, indignada.

- Bom dia, desculpe o incômodo, mas a senhora sabe se o escritório da empresa Castro e Associados ainda funciona neste endereço ou se mudou?

- Bom dia o raio que o parta. O senhor sabe que horas são?

- Sim, são 9h30min, ele respondeu, sem querer parecer irônico, e para ela foi, demais.

- Não sei de nada. Moro aqui há anos e aqui nunca teve escritório algum que eu saiba. Disse isso e fechou a porta na cara dele. Mas antes levantou os olhos sonolentos pela primeira vez e deu de cara com o azul dos olhos dele, que a olhavam muito firme e forçando um pouquinho, viu por cima dos óculos que ele tinha cabelos loiros.

Ainda por cima é um loiro melado de olho azul com cara de bebê crescido, bah!!! Esse foi o pensamento dela ao bater a porta e enquanto voltava para o quarto, ou será que ela disse isso em voz alta? Bem, sei lá. Voltou a dormir, para aproveitar bem o domingo de folga, depois de muito tempo e pensou em dormir até ao meio-dia.

Pois não é que o filho da mãe do loiro veio lhe incomodar nos sonhos. No primeiro era um cara negro, forte, de pele macia e com um perfume delicioso que a estava deixando maluca. Quando finalmente o abraçou, não é que o Deus de Ébano (que clichê!!!) se transforma no loiro?!

No segundo sonho o loiro a perseguia por uma rua escura e quando ela finalmente avistou um guarda e parou para pedir socorro, o guarda tinha o rosto do loiro e sorria para ela com cara de tarado. E assim se seguiam os sonhos e pesadelos, e na maioria o loiro estava lá. Às vezes como o bandido da

história e outras como o cara que a queria e ela dizia não. Pois não é que ela acordou no meio de um sonho, no qual eles faziam sexo e ela até que estava gostando. Mas ao acordar confessou para si mesma que embora transasse com o loiro era com seu ex-namorado que ela fantasiara. Sabe aquela coisa de sonho? Pois é, subjetivamente se sabe que o que é, não é, e o que não é, é. Ficou louca da vida e imaginou que seriam já umas duas da tarde.

Olhou para o rádio-relógio sobre a mesa de cabeceira, junto a cama e percebeu, indignada, que nem sequer passara uma hora do “incidente” da manhã. E parecia uma eternidade, pelo número de sonhos que tivera.

Resolveu levantar e fazer um Chimarrão. Ligou o som e a TV, pegou um livro e sentou-se no sofá da sala. Só então começou a pensar a respeito dos sonhos, do loiro, da porta e se indignou mais ainda. Onde já se viu aquele loiro melado entrar nos seus sonhos assim, pensou. Estava visivelmente braba. Não era algo normal para ela.

Bem, preciso interromper um pouco essa história por aqui, pois é necessário organizar esse novo personagem que está entrando na história, chamado Pedro, e que eu ainda não concebi por completo, para falar mais sobre ele. Bom, loiro de olhos azuis já sabem que ele é. Não decidi ainda se o quero rico, pobre ou classe média. Posso fazê-lo um *bon vivant*. Isso, seria uma boa idéia. Um funcionário de uma boa empresa que vive bem sua vida, sem preocupações financeiras, de uma boa família.

Meu problema agora é fazê-lo encontrar com minha amiga novamente. Tarefa difícil, uma vez que foi enxotado da casa dela. Pensei em fazê-lo se apaixonar pelo fato de ela ter gênio forte. Homem adora isso. Também que ele, percebendo que incomodou poderia voltar à tarde pedindo desculpas. É

uma boa. Comunzinha né??? Preciso pensar rápido, senão vocês desistem de ler. Já sei, ele a encontra no supermercado na segunda-feira. Concordo que não é nenhum arrombo de criatividade, mas tenho de colocar esses dois em contato logo senão quem desiste sou eu e aí não tem mais conto nenhum.

- Oi, é ele quem fala, cauteloso pois o *bom dia* sabe que não agradou. Se ela soubesse que não foi culpa dele. Como é fim de tarde e os neurônios dela estão mais calmos e se preparando para o relax, ela abre um sorriso, que mais tarde vai me confessar que não sabia de onde veio (claro que não, pois fui eu quem fez ela sorrir), e diz um *oi* em resposta.

- Me desculpe por ter lhe acordado tão cedo ontem, não imaginava...

- Tudo bem, eu é que peço desculpas pelo mau humor da manhã, disse e olhou para cima, como quem diz: será que eu diria isso mesmo?

- Gostaria de compensar o incômodo, meu nome é Pedro.

- Suan.

- Nome diferente, é por causa do filme?

É, você assistiu?

- Sim, é claro, adoro. Já assisti algumas vezes. Ele quis dizer centenas de vezes, mas teve medo de que ela o achasse um chato.

- Coincidência, ela diz e sorri, colocando a unha do mindinho no curto espaço entre os dois dentes da frente rapidamente. Será isso um sinal de nervosismo? De qualquer maneira, ela fala e não se percebe. Parece até que as palavras não saem de sua boca. Na verdade sair elas saem, mas ela não as percebe da mesma forma que eu, que sou quem quer que ela as diga. Ela, por si própria, talvez dissesse alguma coisa agradável e dispensaria o novo conhecido. Mas eu quero que ela se

aproxime dele, que namore, que noive, que case com ele se possível. Vocês perceberão que não vai ser tarefa fácil, pois ela é dura na queda e está se tornando uma personagem quase que independente. Faço o que quero dele. Na verdade, ele quase não tem vontade própria, embora precise dele como personagem. Ela é muito forte e resistente. Vou sofrer um pouco para lhe enfiar, goela abaixo, esse loiro de olhos azuis e ainda fazer com que ela goste dele. Ela, ela não vai me ajudar nem um pouco. Nem imagina que sou eu quem está por trás de tudo isso. Será uma surpresa.

- Gostaria de compensar o nosso incidente de ontem. Poderia te convidar para jantar. Ops! Cadê o “lhe”, e que estória é essa de “nosso” incidente?

- Hoje? Ela não se importou nem um pouco em se parecer interessada. Quero que fique bem claro que esse loiro é do tipo que se diz “de cinema”. Daqueles cujas fotos saem nas revistinhas e as meninas, principalmente, compram, recortam e grudam nas paredes do quarto, nos cadernos, agendas etc. Lembrei que preciso de uma idade para ele. Se for na faixa entre 24 e 27, que considero uma faixa razoável, ele não vai ter poder o bastante para conquistá-la e não importa o quanto eu a manipule como a uma marionete. Ele precisa ter ... digamos... 36. Isso, 36. Precisa parecer com alguém que conheço dessa idade e agora não me lembro de nenhum rosto conhecido. Já sei, Robert Redford. Exagerei um pouco não é? Mas, deixa assim. Na verdade eu pensei no Jameson Parker, mas vocês não vão lembrar dele. Então tentem imaginar um Robert Redford, aos 36 anos, convidando minha amiga para jantar e ela se fazendo de difícil. Querem bater nela? Forneço o chinelo. Voltemos à história.

Hoje? Não posso. Tenho compromisso.

- Amanhã?

Amanhã...amanhã...tenho de ir a um jantar com um amigo. Olha, quinta-feira não tenho nada.

- E quarta? Você não disse o que vai fazer na quarta-feira. Espero não estar sendo indelicado em comentar.

- Não, não, é que quarta eu volto muito tarde do trabalho (Mentiu, pois na quarta-feira ela ajuda os “irmãozinhos desencarnados” a se “elevarem” no centro espírita, mas achou melhor não comentar sobre isso para quem ainda nem conhece direito. Vamos que ele seja uma dessas pessoas que ainda pensa que isso é coisa do demônio).

- Está bem, disse ele, quinta-feira então. Posso apanhá-la às 20h30min?

- Sim.

- Então até...

- Até...

Vocês acham que ela se roeu as unhas esperando pela quinta-feira? Percam as esperanças. Fui eu quem ligou para o trabalho dela para lembrar do jantar. Liguei à tardinha e disse:

- Você vai nesse jantar sim senhora. Ela se assustou:

- Como você sabe sobre isso?

- Ora, como não vou saber, sou eu quem está contando a história.

- Que história?

- Deixa pra lá, outra hora te conto. Vai para casa, toma aquele banho, nada de usar o mesmo perfume que usava para sair com o ex, põe outro, bem gostoso. Abre a porta com um super sorriso, e por favor: “deixa ele abrir a porta do carro, puxar a cadeira no restaurante, não me chame o garçom nem que morra de sede e de fome, e por nada desse mundo conte uma piada antes dele contar primeiro. Dessa vez eu caso essa mulher nem que seja na marra. O que não é nada difícil. Difícil

é ela casar com o cara que eu escolhi para ela, Pedro.

Pedro Augusto Linhares de Macedo e Silva. Na verdade, nunca entendeu porque é tão loiro, com esse rosto que um misto de americano, meio escandinavo, com o sobrenome esquisito. Coitado, nunca vai entender. É que se eu colocar nele um sobrenome muito conhecido na cidade me complico depois. Ele, que não sabe que eu existo e que sou quem o manipula, uma vez que sou seu pai e mãe, seu criador, pensa que havia alguns europeus na linhagem da família. A mãe é meio loira, mas o pai é moreno. O avô sim, com seus 87 anos e com uma “loirice” que chega a dar inveja. Todo mundo jura que ele pinta. Mas não quero falar deles. Pedro Augusto é quem me interessa agora, e o momento em que ele vai dizer isso a ela, que se chama assim: Pedro Augusto.

Ele faz uma mini-série para dizer o segundo nome. Teme comparações com os nomes de novelas mexicanas.

Quando ele bate a sua porta e ela atende de pronto, pensa que isso denota interesse em sair com ele. Mal sabe que ela não deixa ninguém esperando e sempre cumpre à risca seus horários, seja com quem for. Ele se ilude que é para ele e me aproveito disso, pois é o gancho que preciso para torná-lo mais incisivo ao investir numa aposta de uma noite juntos.

- Vamos?

- Sim, deixa eu apagar as luzes.

- Você está linda, ele arrisca, e ela agradece, pois nunca me houve quando digo que não se agradece elogios pessoais.

No restaurante ela se lembra de mim e deixa ele puxar a cadeira. Por pouco ele não esquece de fazer isso. É que ela é a primeira mulher de verdade com quem ele sai. Como assim? Ora, pois se o criei agora e já o coloquei com 36 anos, queriam o que? Que ele tivesse larga experiência? É, mas ele vai demonstrar que tem. Disse-lhe para não falar de ex-namo-

radas, mesmo que fictícias. Estranhou quando ouviu uma voz que parecia vir do além. Ainda bem que não questionou e aceitou o conselho.

Agora me dei conta de que esqueci de dar o mesmo conselho à ela quando liguei. Vamos que a mulher desande a falar e eles virem amiguinhos.

- Você teve muitos namorados? Que saco! Porque que homem tem de sempre perguntar isso. E agora? Ela vai responder e vai melar tudo.

- Não, não muitos. Nossa, ela se saiu bem. Nem contou que já foi casada. E não fui eu quem ensinou isso à ela não.

- E você? Teve muitas namoradas? Ela retorquiu. Ele olhou para cima e para a direita como quem está a espera de um sinal divino, um alento de seu criador. E agora quem não sabe o que fazer sou eu. Se ele for muito namorador ela não vai gostar. Virgem nem pensar. Mulher odeia homem virgem.

- Sim, algumas, ele disse e sorriu. Não fui quem mandou ele dizer. Na verdade ainda estava pensando a respeito. Acho que está querendo fugir do meu domínio. Mas ele se saiu bem, gostei.

- Você quer pedir? Gostaria de algo especial, ele disse?

- Rodízio de Pizza.

- Ah, que legal! Você gosta de pizaaa também.

- Gostar eu gosto, mas o caso é que você nos trouxe a um restaurante pizzaria e hoje só tem rodízio.

Ele gostou tanto do “você nos trouxe” que nem pensou na pequena gafe que cometera. Esse “você nos trouxe” soou como música nos ouvidos dele. Por alguns instantes ele amou aquela mulher em sua frente e gastou em segundos uma intensidade de amor que poderia durar uma eternidade. Se eu desejar, pode durar mesmo. Mas começo a perceber que é pre-

ciso que ele me ajude. Ele continuou saboreando o “você”, o “nos”, principalmente o “nos”. Se ela tivesse dito “você me trouxe”, mas não, ela disse “nos”, quer dizer que na cabeça dela já passa uma expectativa de um relacionamento com ele, um desejo pelo menos há. Sim, agora ele tinha essa certeza, pois ela disse, ela disse “nos trouxe”, aos dois, a ele e a ela.

Preciso fazer esses dois namorarem, e corro o risco de que se eles abrirem demais a boca possam terminar não indo para a cama. E o que é a vida sem “se ir para a cama”, não é mesmo?!

Durante o jantar ele comeu quatro ou cinco fatias de pizza. Espera, ninguém come quatro ou cinco, ou é quatro ou cinco. Está bem, cinco, cinco fatias. Estava morto de fome e comeria mais umas três, mas não quis assustá-la, e não fui eu quem recomendou que o fizesse, foi espontâneo dele. Estou gostando, acho que vou adotá-lo. Usá-lo em outros contos. Ela é que me preocupa, espontânea demais, é capaz de comer umas sete fatias e ele vai se assustar, embora tivesse vontade de fazer o mesmo.

Mas o que preciso agora é fazer ela gostar dele, pois ele já o criei apaixonado. Ele está pronto para fazê-la se sentir amada como toda mulher merece. Aliás como todo mundo merece. Mas a sorte que eu tive, vejam só. Meu personagem, que está criando asas por conta própria, levou minha amiga a uma pizzaria, e eu não tive nada com isso, foi idéia dele.

A sorte é que ela não é muito fã de pizza. “Quatro pedaços e não se fala mais nisso”. Sou eu negociando com ela. Mentalmente não é, pois tenho acesso direto a ele, mas à ela não, ou ligo ou a encontro pessoalmente para dizer as coisas. Agora que a quero tão personagem quanto ele, quero que ela coma somente quatro pedaços. Parece que ela me ouviu, pois quando o garçom passa com a bandeja pela quinta vez ela

agradece.

- Não, obrigada. Mulher diz “obrigada”, e ela é mulher, portanto, diz “obrigada”. Ele gosta do jeito que ela diz “obrigada”, mas gosta mais do jeito que ela ri. Ela pega a bolsa, tira um maço de dentro e pega um cigarro. Temo que ele não goste de mulher que fuma. Não lembrei de criá-lo com total aceitação aos meus desejos momentâneos, pois agora desejo que ele não se importe tanto com o fato. Odeio cigarros, e como ele é cria minha também odeia, mas agora quero que ele ame minha amiga e que releve o fato dela fumar.

- Eu não fumo. E aquilo saiu como uma reprimenda, um verdadeiro petardo. Não, ele não fuma, é claro que não, eu não fumo, então ele também não fuma. Mas que diabo esse homem tinha de falar isso agora. Pode estragar tudo. E que ele não tem todo esse compromisso comigo, como faço parecer. Por isso ele pode dizer assim “eu não fumo”. Só espero que ela faça de conta que quando toma sorvete acerta a testa e não teça comentário irônico em contrário ou de desprezo.

- Pois é, eu fumo. Eu gosto sabe, sei que não é muito legal, que faz mal etc., que incomoda, mas eu sou assim. Só faço o que eu quero. Puxa... ela me deu um susto, achei que iria meter os cachorros nele. Estou preocupado. Essa conversa está se alongando demais e daqui a pouco esse dois vão começar a contar piadas e virar amiguinhos. Ela é capaz de pensar que ele é *gay* e adeus sexo, namoro e casamento. Vou fazê-lo mais incisivo.

- Que tal a gente ir a outro lugar? Vamos pedir a conta? Ele sugere.

- Tudo bem. Espero que ela o convide para ir à casa dela tomar um café, mas ela é cachorra. É bem capaz de maltratá-lo até ele se convidar, o que o colocaria numa situação difícil. Preciso fazê-lo mais esperto.

- Que vontade de tomar um café. Oba! Ele tá ficando saidínho, tô gostando de ver. Onde a gente poderia tomar um café gostoso?

- A essa hora... acho que só se a gente for... Isso, isso, diz, diz, por favor, perca a vergonha. Não sacrifique meu pobre personagem assim, diz, diz: ...lá na minha casa?! Ufa!!! Finalmente acho que agora fiz ela gostar dele. Espero ele não faça nenhuma besteira. Preciso soprar para ele o que ela gosta ou não em um homem, ou o pouco que me deixou saber. Mas ele tomou uma ou duas cervejas a mais, duas, na verdade. Tá saidínho, já não me ouve e faz coisas por conta. Por enquanto aprovo tudo e até incentivo, mas e se na hora do *vamos ver* ele der para trás. Preciso me lembrar direito como é que se faz isso, senão ele também não vai saber, preciso teleguiá-lo. Ensiná-lo a seduzir. Nunca fui muito bom nisso e ele depende de mim agora, precisa desesperadamente. O que faço??? Preciso pensar rápido. Enquanto isso vou deixá-lo agir por conta própria.

- Esse é seu quarto? Entrou, observou a bagunça toda e perguntou. Isso, gostei, foi um bom gancho. Ela vai ficar meio sem graça e vai amolecer, se desculpendo pela bagunça e tal, conversa vai, conversa vem... Mas, ainda assim, preciso de ajuda. É difícil, pois ela nunca me disse do que gosta nessas horas. Preciso ajudar Pedro Augusto. Ela precisa ajudar, mas como? E justo agora, começo a perceber que não mais a controlo, e puxa vida, acho que ela vem me enganando a história toda, pois acho que nunca a controlei como supunha. Ela se deixou levar e me deixou livre para pensar que tinha poder sobre ela. Mas então... será que ela está mesmo gostando dele??? Oba!!! Que bom. Finalmente consegui. Espero.

Trrrrriiiiiimmm, Trrrrriiiiiimmm, Trrrrri...

- ...Daubi.

- Daubi, Suyan. Daubi tenho uma novidade para te contar que tu não vai acreditar. Nem sabe o que aconteceu ontem a noite.

- Claro que sei. Tu saiu com o cara loiro, o tal Pedro, até te dei uns conselhos, lembra?

- É mesmo. Tu vais ter de me contar direitinho essa história de como ficou sabendo sobre ele.

- Tá, outra hora te conto. Mas agora me diz, como é que foi? Eu estava torcendo para que tudo desce certo e, de repente, você puxou a cortina.

- Cortina? Que cortina Daubi? Ficou doido?

- Nada nada, esquece. Me conta.

- Bom, só vou te dizer uma coisa agora. Domingo de manhã tocaram a campainha da minha casa às nove e meia e...

- Já sei, para pedir uma informação né? “Nunca é aqui”. Pula essa parte.

- Não, não Daubi. Desta vez foi “aqui” mesmo.

Samuel

Numa tarde de verão do ano de 1996, o comerciante português Felipe Linhares fechava as portas do armazém, como fazia todas as tardes desde que resolveu se estabelecer no ramo de secos e molhados, nos anos 40, quando um rapazinho, de uns 13 anos o chamou pelo seu “antigo” nome, Samuel.

Ele se assustou, pois parecia uma voz vinda de um lugar tão distante e que atravessava o túnel escuro de sua memória mais recente e terminava por ecoar em seus ouvidos, cuja audição já estava um pouco debilitada devido a idade. Há mais de cinquenta anos que ninguém o chamava assim. Foi quando os últimos amigos morreram, na guerra, e isso tinha sido em sua “outra” vida. Agora era seu Felipe pra cá, seu Felipe pra lá.

Os funcionários do armazém tinham por ele o maior respeito. Na comunidade também. Ele chegara dizendo o que a maioria dos estrangeiros dizia naquela época, que fugira da guerra, onde tinha perdido a jovem esposa e os dois filhos. Devido a isso, todos o acolheram. As especialistas em arranjar casamentos logo se puseram em ação, mas tiveram trabalho duro e infrutífero ao tentar lhe arranjar noivas disponíveis. Tudo em vão. Ele sempre tinha a boa desculpa de que ainda não superara o trauma da perda da esposa e dos filhos. Que infeliz idéia foi terem ido morar em Paris numa época daquelas, ele sempre dizia. Todos compreendiam. O sobrenome, explicava, era judeu português.

Felipe Linhares, o nome que Samuel adotou ao chegar ao Brasil, logo depois do fim da guerra, cultivou novos amigos, embora poucos, e tentava ser feliz, da forma que melhor podia, naquela pequena comunidade ribeirinha, cujo rio era elemento básico para a sobrevivência da maioria da população local, além de ser boa fonte de renda para os comercian-

tes, que lucravam com os balseiros e os caixeiros-viajantes.

Eles paravam para se alimentar e pousar e aproveitavam para comprar um pouco de tudo, para aliviar a solidão do trabalho árduo. Por onde passavam iam deixando rastros de civilização, pois sempre era lucrativo empreender no caminho deles, principalmente dos balseiros. Suas presenças na cidade eram sempre tão anunciadas, pelos gritos à noite. Gritos que significavam um dia de bons negócios, se eles resolvessem parar. Os comerciantes já tinham acordos com muitos deles e proporcionavam regalias aos que paravam.

Para Felipe ou Samuel os gritos dos balseiros, no entanto, não anunciavam apenas bons negócios, eram ingredientes para que seu subconsciente começasse a trabalhar, pois tendo sempre aquele passado a lhe perturbar os pensamentos, os gritos forneciam subsídios para alimentar seus constantes pesadelos. Ele reconhece que ficou feliz quando suas presenças começaram a rarear. Além do mais, a ferrovia e seus passageiros, no caminho das grandes cidades, era uma fonte maior e mais segura de lucros.

Samuel acostumou a responder pelo novo nome que adotara e no entanto, quanto mais tentava fugir de seu passado, dia-a-dia, a passos largos, mais ele parecia estar vivo e presente. E agora isso. Esse menino.

- Samuel, dizia o rapaz, abre o armazém. Vamos conversar, ou prefere ser visto no meio da rua discutindo com um menino? Abre, vamos. Vim cobrar minha conta. Cadê meus 100 marcos?

- Quem é você pirralho?! Meu nome é Felipe e não devo nada para você, quanto mais 100 marcos, que é muito dinheiro. Me respeite menino. Tenho idade para ser teu avô, bisavô até. Que estória é essa?

- Como que história é essa Samuel? Não lembra mais

de mim, da minha voz? Você nunca pegou mais peixes do que eu, lembra? Lembra Samuel, de quando pescávamos juntos no Reno? Lembra?

Nunca pesquei com você menino. Que bobagem é essa? Nem gosto de pescar.

- Ah não, é? Sempre peguei mais peixes do que você Samuel. E eram muito maiores, lembra? Até apostamos 100 marcos que eu pegaria o maior peixe, naquela manhã de primavera. Lembra disso?

- Que brincadeira!

- Não é brincadeira não Samuel, eu ganhei. Eu pesquei o maior peixe. Cadê meu dinheiro, ou será que você não pretendia me pagar? Achou que eu não voltaria para te cobrar Samuel? Cadê meus 100 marcos?

- Quem te contou essa estória pirralho? Como pode saber de uma coisa dessas?

- Posso saber porque vivi o que você chama de “essa estória”. Se esqueceu de mim, não é Samuel? Seu amigo Hans, que você esqueceu de salvar das águas do rio, quando caí e fui levado pela correnteza? Esqueceu? Como pode, que vergonha Samuel! Agora eu voltei e quero meu dinheiro.

- Isso é uma brincadeira e de muito mau gosto. Quem é teu pai menino? Teu avô, sei lá? Quem, afinal te contou tudo isso?

- Ora quem?! Quem mais poderia saber disso. Pensa Samuel. Quem sabe sobre sua vida a não ser você mesmo, e eu, é claro. Fomos pescar, apostamos, você perdeu, continuamos pescando, eu caí e você me deixou ser levado pelas águas. Isso refresca tua memória, Samuel?

- Não, não pode ser. Você morreu. Eu vi você ser levado. Nunca acharam seu corpo.

- Ah, então admite que sou eu. Esperei demais Sa-

muel. Sempre estive perto de você, mas não podia me comunicar. Somente agora isso foi possível. Vamos, abra a porta, vamos entrar e conversar lá dentro.

- Está bem, está bem. Quero mesmo esclarecer isso tudo. Vamos. Comece a me contar.

- O que quer que te conte Samuel?

- Tudo. Tudo mesmo. Como é possível, após quase sessenta anos você, que deveria ter morrido no rio, estar aqui, na minha frente. Se você for mesmo quem diz que é, isso seria uma coisa fora da realidade. Você deveria ter a minha idade, ou mais. Você era mais velho, não era? Como pode isso? Você é alguma espécie de anjo, que veio me buscar, é isso? Eu vou morrer? Me diga algo, pois se for isso, estou pronto. Não aguento mais essa vida, essa tortura, esses pesadelos.

- Então está disposto a conversar. Admite que sou eu, mesmo sem conseguir encontrar uma explicação lógica, não é? Estive em seus pesadelos nestes anos todos é Samuel? Muito bom. Já temos um começo. Bem, Samuel, para você eu posso começar a contar tudo desde já, mas para os leitores, infelizmente, ainda não. Somente no próximo livro que o Daubi publicar.

- Livro??? Daubi??? Que livro? Quem é esse Daubi? Do que estás falando agora?

- Deixa pra lá Samuel, vamos à nossa história. Isso é o que importa. Aconteceu o seguinte: depois que caí nas águas do rio, eu desmaiei. Quando acordei vi que tinha acontecido uma coisa mágica. Eu não estava mais na Alemanha. Tinha ido parar, inexplicavelmente, no Brasil, numa cidadezinha do Rio Grande do Sul chamada Marcelino Ramos...
